

Apocalipse e história

Vicente Dobroruka

Professor de História Antiga, Universidade de Brasília

Doutor em Teologia, Oxford

Este artigo pretende abordar, em linhas muito introdutorias, as principais relações que se podem esboçar entre concepções metahistóricas e a literatura apocalíptica. Não é o primeiro artigo de minha lavra a tratar do assunto¹, mas servirá para deter-se em alguns pontos específicos.

Entre as contribuições mais significativas da literatura apocalíptica para a civilização moderna está a noção de que a história humana tenha um sentido e de que esteja orientada processualmente. O percurso pelo qual se chega, de livros como Daniel ou o Enoch etíópico até as modernas filosofias da história (positivismo, marxismo ou liberalismo) é muito longo e fascinante de ser observado, mas vasto demais para ser discutido neste artigo, embora seja abordado dentro dos limites possíveis inerentes ao formato.

Isto não significa dizer que os primeiros a se ocuparem da história como tema de estudo autônomo (os historiadores antigos) não concebessem seu objeto em termos de seqüências processuais inteligíveis, com começo, meio e fim, causas e efeitos. Mas a abrangência de sua investigação, por mais ampla que fosse, não chegou a compreender toda a história do modo como o fariam os apocalípticos. Muitas vezes os temas de ambos se confundem (o historiador grego Políbio, do séc.II a.C., serve-se do mito dos impérios mundiais sucessivos em moldes semelhantes ao autor do livro de Daniel, mas com conclusões menos abrangentes; Flávio Josefo exibe uma concepção de história bastante semelhante à dos apocalipses de Esdras e de Baruch (4Ezra e 2Br), mas sem o mesmo desfecho ou explicação cósmica². Um historiador criterioso como o romano Tácito (séc.I d.C.) exibe uma preocupação muito relativa com o futuro, e mesmo assim apenas com o futuro do Império Romano.

Por outro lado, ao terem em mente os grandes desenvolvimentos históricos e o desfecho da história humana como revelação divina, os apocalípticos mostram-se muito

¹ “Mito e história na Antigüidade: esboço para um estudo de conjunto dos limites entre religiosidade e metahistória”, a ser publicado no *Boletim do CPA*, Unicamp, 2007. Devo ressaltar que as diferenças entre ambos não são poucas e que o presente artigo volta-se muito mais para a literatura apocalíptica do que o anterior.

² Políbio. *Histórias* 38.21-22; Josefo. *Antigüidades judaicas* 10.272-291.

diferentes dos historiadores. Quando falam do passado sempre o fazem de um modo que soa “desajeitado” ao leitor moderno - i.e. de modo superficial ou “cifrado”, encoberto pelo uso de pseudônimos. Por isso é mais proveitoso ler os apocalipses tentando entender a visão de mundo de seus autores e o que esperavam do futuro do que como análise minuciosa do passado - que os apocalípticos muitas vezes entendem mal, como o faz o autor de Daniel.

Como características básicas da concepção de história presente nos apocalipses, podemos destacar:

1. A história tem um sentido que pode ser compreendida como uma substância, que é a redenção dos bons e, por conseqüência, a punição dos iníquos (o que se entende por esses termos varia de acordo com o apocalipse em questão)
2. O sentido da história é concebido por Deus, e os eventos humanos se adequam a ele (donde as questões relativas ao livre-arbítrio serem inquietantes na apocalíptica; 4Ezra é talvez o melhor exemplo)
3. A abrangência dos eventos humanos e da ação divina é todo o mundo conhecido (por oposição à pregação profética, que via de regra tem como horizonte o mundo de Israel, Judá e os estados vizinhos)
4. A história desenvolve-se em etapas rigidamente estruturadas e sucessivas (o que também cria dificuldades quando o leitor moderno, tanto quanto o antigo, sabem que existem eventos anteriores ao esquema e também povos alheios a ele)

A idéia de que a história tenha sentido e substância choca-se, em antigos e modernos, com a noção de investigação do passado e da evidência documental, já que a pura e simples análise dos documentos não revela, por si mesma, qual o sentido dos eventos que eles descrevem. O sentido ordenador dos mesmos terá de ser dado pelo próprio historiador, que enxergará neles a ação de um condutor externo (que num autor moderno pode ser o determinismo econômico ou a vitória final de uma “raça” sobre as demais; p.ex. para os apocalípticos significa sempre o triunfo de Deus sobre os que O rejeitam e perseguiram Seu povo).

O apocalíptico, como o historiador, vê na revelação de um sentido da história o desvelamento de um segredo divino (donde o próprio termo em grego, *apokalyptein*), de certo modo semelhante ao mundo dos Céus mostrado aos visionários apocalípticos nas viagens ao Além. Desse modo, o que intriga Nabucodonosor em Dn 2:36-43 lhe é

revelado por Daniel, que a princípio também ignora qual seja o sentido da história mas que obtém a revelação de Deus (e não como fruto de um processo racional de investigação):

Tiveste, ó rei, uma visão. Era uma estátua. [...] A cabeça da estátua era de ouro fino; de prata eram seu peito e os braços; o ventre e as coxas eram de bronze; as pernas eram de ferro; e os pés, parte de ferro e parte de argila. [A estátua é destruída e suas partes pulverizadas por uma pedra] Tal foi o sonho [...] Tu, ó rei dos reis, a quem o Deus do céu concedeu o reino, o poder, a força e a honra [...], és tu que és a cabeça de ouro. Depois de ti se levantará outro reino, inferior ao teu, e depois ainda um terceiro reino, de bronze, que dominará a terra inteira. Haverá ainda um quarto reino, forte como o ferro, como o ferro que reduz tudo a pó e tudo esmaga [...] Os pés que viste, parte de argila de oleiro e parte de ferro, designam um reino que será dividido: haverá nele parte da solidez do ferro [...] O fato de teres visto ferro misturado à argila de oleiro indica que eles se misturarão por casamentos, mas não se fundirão um com o outro, da mesma forma que o ferro não se funde com a argila.

O episódio onírico de Nabucodonosor é um dos mais importantes na apocalíptica, e mostra o desenvolvimento da história por meio de quatro etapas sucessivas, associadas a quatro metais de valor decrescente. O tema ressurgirá em Dn 7, retrabalhado, mas aqui sua origem é discutida; o consenso dos estudiosos modernos, no entanto, parece apontar para a origem indo-européia e não semítica do “mito das quatro idades do mundo”. Possivelmente a referência mais antiga que temos do mito encontra-se em Hesíodo (*Os trabalhos e os dias* 176 ss.), e mostra uma humanidade em decadência contínua da idade de ouro até a de ferro. Todavia, devemos antes desmembrar os três complexos míticos em seus componentes.

O primeiro mito em questão é o das idades do mundo propriamente ditas, ou seja, a idéia de que o fluxo do tempo (não seria prudente falar ainda de história) organiza-se em fases, cada uma dotada de uma essência peculiar e que seguem uma seqüência degradante. Esse é o tema que preside ao mito das idades em Hesíodo, nos mitos indianos e na apocalíptica persa³.

A passagem hesiódica, por sua importância para toda a reflexão subsequente (o que não implica em dizer que, por ser a primeira datável a conter o mito, seja a mais antiga, uma vez que o material persa e indiano pode ser mais recente quanto *ao estado*

³ Em especial no *Mahabharata* (com paralelos no relato do gnóstico Bardesanes em Stobeu 2.2) e no *Bahman Yašt* I.1-5; cf. Geo Widengren. “Les quatre âges du monde” in: Geo Widengren et al. *Apocalyptique iranienne et dualisme goumrânien*. Paris: Adrien Maisonneuve, 1995. P.23 ss.

atual das fontes, mas não necessariamente quanto ao seu conteúdo), merece uma citação literal:

*Primeiro de ouro a raça dos homens mortais
criaram os imortais, que mantêm olímpicas moradas.
Eram do tempo de Cronos, quando no céu este reinava;
como deuses viviam, tendo despreocupado coração,
apartados, longe de penas e misérias; nem temível
velhice lhes pesava, sempre iguais nos pés e nas mãos,
alegravam-se em festins, os males todos afastados [...]
Então uma segunda raça bem inferior criaram,
argêntea, os que detêm olímpia morada;
à áurea, nem por talhe nem por espírito semelhante [...]
E Zeus Pai, terceira, outra raça de homens mortais
brônzea criou em nada se assemelhando à argêntea;
era do freixo, terrível e forte, e lhe importavam de Ares
obras gementes e violências, nenhum trigo
eles comiam e de aço tinham resistente o coração [...]
Mas depois também a esta raça a terra cobriu,
de novo ainda outra, quarta, sobre fecunda terra
Zeus Crônida fez mais justa e mais corajosa
raça divina de homens heróis e são chamados
semideuses, geração anterior à nossa na terra sem fim [...]
Antes não estivesse eu entre os homens da quinta raça,
mais cedo tivesse morrido ou nascido depois.
Pois agora é a raça de ferro e nunca durante o dia
cessarão de labutar e penar e nem à noite de se
destruir; e árduas angústias os deuses lhes darão.*

O segundo mito é o dos metais que vinculam-se às idades: podem ser também quatro, mas surgem em variantes de sete⁴. O complexo mítico dos metais deve ser tratado como distinto daquele das idades, já que, embora os metais surjam sempre associados a eras e em seqüência degradante, o mito das idades do mundo pode prescindir deles (como nas *yugas* indianas), a especulação apocalíptica se dá num esquema de quatro períodos que constituem um *kalpa* ou *caturyuga*, organizados do seguinte modo:

1. *Kritayuga*: 4000 anos, + uma aurora de 400 e um crepúsculo de 400
2. *Tretayuga*: 3000 anos, + uma aurora de 300 e um crepúsculo de 300

⁴ Anders Hultgård. "Persian apocalypses" in: John J. Collins (org.). *Semeia* vol.14 - *Apocalypse: the Morphology of a Genre*. Missoula: Scholars Press, 1979. P.210. As variantes em sete referem-se, aparentemente, aos ciclos de sete dias habituais na tradição semítica. Cf. Covington S. Littleton. "Je ne

3. *Dvaparayuga*: 2000 anos, + uma aurora de 200 e um crepúsculo de 200

4. *Kaliyuga*: 1000 anos, + uma aurora de 100 e um crepúsculo de 100

O total é de 12000 anos e a cronologia acima já se encontra no *Mahabharata*. No primeiro período os homens são formados de gêmeos e a vida humana, na qual os mandamentos éticos são observados, dura 4000 anos. Uma versão do mito encontra-se no *Rig Veda* 10.10, no qual Yama recusa-se a se unir à sua irmã gêmea Yami. Temos aqui um mito indo-iraniano no qual os gêmeos primordiais fazem nascer os primeiros homens, e implica a noção de que os homens da primeira idade eram andróginos⁵. Nesse período de felicidade, a cor de Vishnu-Narayana, cujo corpo é o universo, é o branco. No segundo período, *treta*, os homens não são mais gêmeos, e já encontram-se separados entre homens e mulheres; existem ofícios, casas e a propriedade privada. O *dharma* (a “lei”) reduziu-se de 1/4 e a vida humana também. Agora a cor de Vishnu é o vermelho. No terceiro período, *dvapara*, o *dharma* reduziu-se em mais 1/4; os homens estão expostos a doenças, surgem a avareza e a mortalidade. A cor de Vishnu é o amarelo; no quarto, *kali*, todas as desgraças abatem-se sobre os homens, e o curso de todas as coisas se inverteu. Resta apenas 1/4 do *dharma*. O mundo torna-se cheio de heresias e a cor de Vishnu é o preto.

Contra os que argumentam pelo caráter “recente” da fonte indiana, remeto ao paralelo com o gnóstico Bardesanes (séc. II d.C.), que reportou ter encontrado indianos que lhe disseram que no centro da Terra existiria a estátua de um homem, de braços abertos como se tivesse sido crucificado⁶. Sua metade direita é homem, a esquerda mulher; de seu lado direito encontra-se o Sol, do esquerdo a Lua. Sobre seus braços repousa tudo o que há no mundo - o céu, os animais, os rios, as plantas etc.. Deus teria dado essa estátua a seu filho como modelo para a criação do mundo; esse “homem primordial” tem um corpo que corresponde ao do Deus supremo. O *Mahabharata* deve

suis pas ... structuraliste’: Some fundamental differences between Dumezil and Levi-Strauss” in: *Journal of Asian Studies*. 34, 1974. P.157.

⁵ Ecos desse relato encontram-se no *Banquete* de Platão, quando Aristófanes tece suas hilárias considerações acerca da origem do amor carnal: este consistiria precisamente na busca da outra metade que originalmente tínhamos, e que via de regra era alguém que (após a separação dos corpos andróginos por Apolo) agora é do sexo oposto. Caso se busque alguém do mesmo sexo (i.e. caso se faça uma opção homossexual) isto significa que, em nossa origem andrógina, a outra metade era do mesmo sexo que o que atualmente possuímos. Prossegue Aristófanes no deboche afirmando que é precisamente entre esses indivíduos que se encontram os políticos. Platão. *O banquete*, 192b-e ss.. Cf. Widengren, “Les quatre âges”, p.25.

ser de II-I a.C., mas pode originar-se entre IV a.C. - IV d.C.. Os materiais são mais antigos, como confirma a passagem do *Atharvaveda* 5.32-34 (“Hino de Skambha”, o pilar cósmico onde se assenta o mundo).

Como conclusões preliminares, deve-se ressaltar que o corpo divino do Deus supremo (que é andrógino) é o mundo visível. Os homens da primeira era também são andróginos. No “Hino de Skambha” o símbolo de Deus é um tronco que é o da árvore cósmica; as quatro idades do mundo são os quatro períodos da vida do corpo divino e seu envelhecimento. As cores de cada *yuga* simbolizam cada uma das quatro castas: brâmanes, xátrias, váixias e sudras. A especulação das quatro idades do mundo está situada numa concepção de mundo macro-microcósmica, na qual o homem é uma cópia do Deus supremo⁷, ao mesmo tempo em que, espacialmente, o mundo se organiza em torno da réplica de um símbolo bem conhecido e associado à vida, como a árvore⁸. Poder-se-ia vislumbrar no fato dos homens andróginos disporem de quatro membros idênticos superiores e inferiores uma pré-história das idades do mundo (não faria sentido pensar em “oito” nesse caso, mas talvez em pares de 4 + 4; de todo modo este é um raciocínio puramente especulativo e que, até onde sei, jamais foi confirmado ou evocado por qualquer outro complexo mítico).

As variações em sistemas de sete e não de quatro unidades encontram, paradoxalmente, uma de suas expressões mais completas no *Bahman Yašt* 2.14-22, i.e. num texto próximo, geográfica e cronologicamente, do mundo indiano:

‘Vi uma árvore que tinha sete galhos. Um de ouro, um de prata, um de cobre, um de bronze, um de estanho, um de aço, um de ferro misturado’⁹. Ahuramazda disse: ‘Ó Zaratustra [...] o que te profetizo é isto: a árvore de um único tronco

⁶ Relatado por Stobeu 2.2, no fim do séc.II d.C. Cf. Widengren, “Les quatre âges”, p.26. O encontro deve ter se dado com os *sramanas* (*Sarmanaiti*) ou ascetas indianos enviados em embaixada ao imperador romano Heliogábalo (Porfírio. *Da abstinência da carne de animais*. 4.7 e novamente Stobeu 5.56).

⁷ Widengren, “Les quatre âges”, p.27.

⁸ Eliade, *O sagrado e o profano*, p.18. Nem a árvore, nem as cores, nem o homem de braços abertos constituem aqui meras cópias de objetos sensíveis que já se conhece, mas ao contrário, constituem-se eles mesmos como o sagrado - o *ganz andere*, o “outro” absoluto relativamente ao humano e profano. O tema da árvore cósmica - que, no caso indo-iraniano, parece ser o elo essencial entre o mito cosmogônico indiano e as especulações metahistóricas relativas aos impérios mundiais - foi sistematizado por Eliade no que ele classificou de “símbolos e ritos de iniciação ligados à vegetação”. Cf. *Tratado de história das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 1993. Pp.213 ss. e Anders Hultgård. “Mythe et histoire dans l’Iran ancien: étude de quelques thèmes dans le Bahman Yašt” in: Widengren et al. *Apocalyptique iranienne et dualisme qoumrânien*, pp.110 ss. A árvore aparece ainda em Dn 4, Ez 31:3-8 e nas passagens do *Bahman Yašt*. Cf. ainda Simo Parpola. “The Assyrian Tree of Life: tracing the origins of Jewish monotheism and Greek philosophy” in: *Journal of Near Eastern Studies* 52 (3), 1993.

⁹ A referência constante à presença de ferro misturado com outra coisa parece invalidar a leitura tradicional de Dn 2 como relacionada aos casamentos entre Lágidas e Selêucidas; se o autor da passagem daniélica pensou nisso, deve ter apropriado-se de uma imagem que lhe é anterior.

que viste 'que o mundo criado por mim, Ahuramazda, os sete galhos que viste são as sete eras vindouras. A de ouro é o reinado do rei Vištāsp, quando eu e tu conversaremos sobre a religião, o rei Vištāsp a receberá e reprimirá a manifestação dos demônios, que não serão mais visíveis mas irão esconder-se, Ahriman e a progenitura dos demônios correrão novamente para as profundezas do inferno, e a existência das águas, do fogo, das plantas e de Spandarmat, a terra, será manifesta. A de prata será o reino de Artaxerxes, o kai que denominamos Vahuman filho de Spanddāt que caçará os demônios para longe dos homens, que embelezará o mundo inteiro e protegerá a religião. A de cobre é o reino de Artaxerxes, o kaiânida, organizador e restaurador, e a do rei Sapor quando ele organizará o mundo criado por mim, Ahuramazda, propagará a salvação através das regiões do mundo, a excelência tornar-se-á manifesta [...] A de bronze é o reinado dos Arsácidas [...] A de estanho é o reino de Vahrām Gōr, quando ele conferirá ao espírito uma paz visível e Ahriman e os feiticeiros correrão de novo para as trevas do inferno. A de aço é o reinado de Cosroé da família de Kavāt, quando o maldito Mazdak filho de Bāmdāt¹⁰, adversário da religião, aparecerá entre os dissidentes, mas ele os expulsará da religião. Aquela de ferro misturado, ó Zaratustra Spitāmida, é quando teu milésimo inverno começará, ó Zaratustra Spitāmida.

Um sistema semelhante mas que bem pode ser autônomo em suas origens e desenvolvimento é o da analogia do desenvolvimento do corpo humano com as etapas progressivas da revelação divina como paralelas à educação individual, como nas epístolas paulinas¹¹. De todo modo, veremos que o tema dos metais aparece também desenvolvido em sua dimensão tecnológica, o que envolve boa parte da polêmica sobre a transmissão do mito (se Ocidente - Oriente ou Oriente - Ocidente)¹².

¹⁰ Mazdak, enforcado em 529 d.C., e foi uma espécie de reformador social que absorveu idéias maniqueístas; ele e seus seguidores foram mortos por Cosroé, como diz o texto do *Bahman Yašt* (que tem, portanto, de lhe ser posterior, ao menos nessa seção). A reelaboração do tema dos quatro galhos da árvore em sete faz supor um núcleo mais antigo apenas reelaborado, no entanto. Também aqui encontramos a mescla de monarquias míticas com históricas, comum à apocalíptica persa. Cf. Hultgård, "Mythe et histoire", p.106.

¹¹ Gl 3:24; 4:1-9 e Hb 1:1-8.

¹² Trata-se de tema secundário em nossa discussão, mas que tem sido dos mais polêmicos nas últimas três décadas: como defensores da precedência oriental (i.e. da origem indo-iraniana do tema) encontramos historiadores das religiões como o já citado Geo Widengren, Mary Boyce, Norman Cohn e John J. Collins; do lado oposto (que postula a origem ocidental do mito, em geral remetendo ao fato de ser Hesíodo a primeira fonte datável que o apresenta) encontramos Philippe Gignoux e Jacques Duchesne-Guillemin. Como bibliografia sumaríssima da questão, temos: Mary Boyce. "On the antiquity of Zoroastrian apocalyptic" in: *Bulletin of the School of Oriental and African Studies* 47, 1984; Norman Cohn. *Cosmos, Chaos and the World to Come. The Ancient Roots of Apocalyptic Faith*. New Haven / London: Yale University Press, 1993; e John J. Collins. "Persian apocalypses" in: *Semeia* vol. 14. *Apocalypse: the Morphology of a Genre*. Missoula: Scholars Press, 1979, como defensores da tese mais ortodoxa. Do outro lado da discussão as referências mais importantes parecem-me Philippe Gignoux. "Sur l'inexistence d'un *Bahman Yasht* avestique" in: *Journal of Asian and African Studies* 32, 1986; "L'apocalyphtique iranienne est-elle vraiment la source d'autres Apocalypses?" in: *Acta Antiqua Academiae Scientiarum Hungaricae* 31 (1-2), 1988 e Jacques Duchesne-Guillemin. "Apocalypse juive et apocalypse iranienne" in: Bianchi, Ugo and Vermaseren, Maarten J. (eds.). *La soteriologia dei culti orientali nell'Impero romano: atti del Colloquio internazionale su la soteriologia dei culti orientali nell'Impero romano, Roma, 24-28 settembre 1979*. Leiden: Brill, 1982. P.760. A vinculação entre

O terceiro e último mito abordado é o das monarquias mundiais e é, sem dúvida, o que apresenta mais variantes; por isso iremos nos deter nele com mais vagar e retomar suas relações com os demais mitos ao final deste artigo. Surge em várias ordenações de 3, 4, 6 ou até 10 potências que controlam os destinos do mundo num dado momento (mais do que dominarem a Terra por completo, uma vez que todas as culturas que produziram os relatos analisados neste artigo sabiam da existência de outras regiões não dominadas pelas monarquias supostamente universais). As variações mais estranhas das seqüências de impérios mundiais ocorrem sem dúvida nos *Oráculos sibílicos* - em OrSib 3.156-165; 4.49-114; 5.1-51.

*Então Deus lançou o mal sobre os Titãs
e todos os descendentes dos Titãs e de Cronos
morreram. Mas à medida em que o tempo seguia seu curso cíclico
surgiram o reino do Egito, depois o dos persas,
medos, e etíopes, e a Babilônia assíria,
depois o dos macedônios, de novo o Egito, depois Roma (3.156-165).*

As seqüências de reinos de OrSib 4.54 ss. são mais convencionais, porém demasiado longas para serem listadas aqui; o mesmo se dá com OrSib 5.1-51 e sua revisão da história do Oriente. O tema encontra-se também na historiografia antiga, embora isso esteja fora do escopo deste artigo, como disse no começo do texto - bastam por ora os exemplos dados no começo do artigo.

Mesmo no Talmude da Babilônia o mito das monarquias mundiais aparece no tratado *Menachoth* 53b: aqui o tema da árvore sagrada aparece numa versão ligeiramente diferente (Israel é comparada à uma oliveira, que dá seu fruto somente quando prensada¹³), que busca explicar a manifestação e destruição sincrônica dos impérios mundiais em Dn 2 e 7:

desenvolvimento técnico e idades do mundo será retomada mais abaixo; de momento, lembremos que a tese de Duchesne-Guillemin no artigo supracitado parece especialmente desajeitada - a de que o mito teria se espalhado do Ocidente para o Oriente em função do mesmo percurso ter sido realizado pelo ferro e, por extensão, pelos mercadores que buscavam comercializar um produto então novo. Em minha opinião é difícil associar um elemento sempre ligado ao que há de pior nas idades do mundo a pretensões de êxito comercial.

¹³ Uma imagem importante para toda a teodicéia agostiniana: “Assim, o mundo apresenta-se como um lagar: sujeito à pressão. Se formos os resíduos do azeite, empreenderemos a saída pelo escoadouro; se formos o azeite puro, ficaremos no tanque [...] Encontramos homens que mostram o seu descontentamento em relação a estas pressões e dizem: ‘Que tempos cristãos tão horríveis!’ [...] Assim falam os resíduos do azeite que descem pelo escoadouro: a sua cor é negra porque blasfemam: falta-lhes o esplendor. O azeite tem esplendor. Mas, aqui, outra espécie de homem se encontra sujeita à mesma pressão e fricção, que lhe dá brilho, pois não é a própria fricção que o liberta das impurezas?”. Santo Agostinho. *Sermões*, 24.11.

O Santíssimo, bendito seja, disse a Abraão, 'Ouvi a tua voz e terei compaixão deles Eu havia dito que eles seriam submetidos a quatro impérios sucessivos, cada um pelo tempo que os quatro impérios [efetivamente duraram], mas agora cada um suportará apenas o tempo que lhe cabe'. Outra versão: 'Eu havia dito [que eles serão submetidos aos quatro impérios] em sucessão, mas agora [eles serão submetidos aos quatro] simultaneamente'.

Digna de menção é a forma como a passagem famosa de Daniel 7 é reinterpretada em 4Ezra 12:7-16, e pelo visto essa interpretação era tão comum no séc.I d.C. a ponto de causar embaraço a um romanófilo como Flávio Josefo, que dela trata nas *Antigüidades judaicas* 10.11: com a ascensão de Roma ao posto de grande potência, ela passa a ser incluída na lista, representada de modo quase explícito por uma águia que substitui a quarta besta de Dn 7.

E eu disse, 'Ó Senhor e soberano, se encontrei graça diante de teus olhos, e se fui considerado justo diante de ti antes de outros, e se minha oração chegou até Ti, dê-me forças e mostre ao Teu servo a interpretação e significado dessa visão terrível, para que possas confortar por completo minha alma. Pois me julgaste digno de ver o final dos tempos e os últimos acontecimentos desses tempos'. Ele me disse, 'Esta é a interpretação da visão que tiveste: a águia que viste saindo do mar é o quarto reino que apareceu numa visão ao teu irmão Daniel. Mas [a visão] não lhe foi explicada como a explico agora a ti. Vede, estão chegando os dias em que surgirá na Terra um reino, e ele será mais aterrorizador do que todos os reinos que vieram antes dele. E doze reis reinarão nele, um após o outro [...].

O mito é suficientemente homogêneo para que se possa colocar a variedade aritmética das potências dentro do mesmo padrão - ainda que no *Bahman Yašt* ele tome a forma de relacionar duas monarquias míticas ao lado de duas históricas.

Portanto, os três complexos míticos acima definidos juntam-se com muita frequência, os três ao mesmo tempo (como em Daniel e no *Bahman Yašt* 1.1 e 3.2¹⁴, por exemplo), dois a dois (como nos metais de Hesíodo¹⁵) ou apresentam-se

¹⁴ Carlo G. Cereti (ed.). *The Zand i Wahman Yasn: a Zoroastrian Apocalypse*. Roma: Istituto italiano per il Medio ed Estremo Oriente, 1995. P.16.

¹⁵ Convém lembrar que Hesíodo tem ainda de resolver o problema da interpolação de uma idade não-metálica em meio à seqüência habitual, a “Idade dos heróis”, referente ao complexo mítico da guerra de Tróia. Cf. Hesíodo. *Os trabalhos e os dias*, 140.

individualmente (como nas idades do mundo da mitologia indiana¹⁶ ou das monarquias “universais” da “Profecia dinástica babilônica”.

As dificuldades da seqüência daniélica (Babilônia - Média, que na realidade existiram em ordem inversa) desaparecem quando pensamos que na lenda original o primeiro império era o assírio: o autor de Daniel adapta o tema à Babilônia, onde aparentemente vive e profetiza. A ignorância do autor quanto à história do séc.VI a.C. fica patente quando ele fala de “Dario, o Medo”, que nunca existiu. Autores de meados do século passado sugeriram fontes distintas para as visões de Dn 2 e 7. Isso pode ser possível, segundo Swain, pela difusão do tema das 4 + 1 monarquias no mundo selêucida, muito antes da composição daqueles capítulos de Daniel¹⁷.

O estabelecimento de colonos persas na Ásia Menor por Ciro e Dario (**Magousaiōi**) pode explicar como o tema difundiu-se pela região. As referências de que ainda existiam colonos com essa identidade ainda na era cristã é atestada por Basílio (*Epist.* 258), Eusébio (*Preparatio Evangelica* 6.10) e Estrabão (*Geografia* 15.3; 11.8.4; 11.14.16). No séc.I a.C. muitos desses colonos - aristocratas - forneciam quadros para Mitrídates, e usavam o aramaico (nisso não vejo nada de conclusivo quanto ao processo de transmissão do tema, ao contrário de Swain). Foi deles que os soldados de Pompeu aprenderam o culto de Mitra. Esses aristocratas apoiaram grande número de movimentos antigregos na região; é provável que sua propaganda se assemelhasse ao que se via no restante do mundo que falava aramaico (i.e. que usava o tema 4 + 1). Portanto, os soldados romanos na batalha de Magnésia achavam-se bem no meio de uma colônia persa, cujos habitantes odiavam seus senhores gregos, intensificado pelo saque efetuado 11 anos antes pelo aliado macedônico de Antíoco, Filipe V. Não seria surpreendente os sacerdotes persas de Hiera Kome (Hierocaesarea, onde havia um templo dedicado à Artemis persa construído por Ciro (Berossus fr. 6) proclamarem a quinta monarquia com a queda do odiado Antíoco. Os romanos podem ter ouvido essas profecias e desses relatos é que Aemilius Sura pode ter se apropriado - embora houvesse outras colônias persas na Ásia Menor que poderiam ter espalhado a mesma lenda. Após

¹⁶ Geo Widengren. “Leitende Ideen und Quellen der iranischen Apokalyptik” in: Daniel Hellholm (ed.). *Apocalypticism in the Mediterranean World and the Near East: Proceedings of the International Colloquium on Apocalypticism, Uppsala, August 12-17, 1979*. Tübingen: Mohr, 1983.

¹⁷ Joseph W. Swain. “The theory of the four monarchies: opposition history under the Roman Empire” in: *Classical Philology* 35 (1), 1940. P.10.

Catão e a Terceira Guerra Púnica (149-146 a.C.), relativo desinteresse pelos assuntos orientais por parte da historiografia romana¹⁸.

Esse interesse foi retomado com as campanhas de Sula, Lúculo e Pompeu contra Mitrídates na primeira metade do séc.I a.C.. Isso aumentou a demanda por historiografia que tratasse do Oriente, ainda que simpática á Roma (ex.: Alexandre Polyhistor em +-70 a.C., Diodoro em +-40 a.C., Nicolau de Damasco em +-4 a.C. e o cronólogo Castor de Rodes em +-60 a.C.). Os autores do começo da era cristã retomam o tema das 4 + 1 com alterações.

Até o final do império o tema permanece, e um poeta como Claudiano (+- 400 d.C.) ainda o utiliza. Varro introduz a conexão queda da Assíria / ascensão de Roma como se verifica em Santo Agostinho (*Cidade de Deus* 28.27). Pompeu não obteve sucesso em cativar os orientais, que retomaram o tema como propaganda anti-romana; veremos abaixo os desenvolvimentos disso em Lactânio. *Div. Inst.* 8.15.11). O tema da propaganda anti-romana encontra-se ainda na AsMos, nos SISal e nos OrSib, como já vimos.

Entre os cristãos não-eruditos ou mesmo entre os doutos, quando fazem apologética e não especulação metahistórica, a apropriação do tema se dá através de Dn, tal como reinterpretado no Ap. O quinto reino podia ser a Segunda Vinda e ressurreição dos mortos, ou a própria Igreja. Mas os padres da Igreja não escreveram história em torno desse tema (p.ex. Hipólito, morto em 235 - usa o 4 + 1 tradicional de Dn no *Anticristo* e no *Comentário à Daniel*, mas não em sua *Crônica*). Na *Demonstratio evangelica* 15, fr. 1 de Eusébio o esquema, tomado do *Comentário* de Hipólito, começa com a Assíria - o que revela a influência dos autores pagãos sobre ambos. A introdução do 4 + 1 na historiografia cristã deve-se basicamente a Jerônimo, ao traduzir a *Crônica* de Eusébio. Não se sabe se isso se deve ao próprio Jerônimo ou a Eusébio, mas na lista os medos estão excluídos. Entretanto, no *Comentário à Daniel* Jerônimo identifica o primeiro império com a Babilônia, o segundo com medos e persas - mostrando que sua concepção de história independia de sua atividade exegetica. No “Prólogo” ao *Comentário* ele confessa seu débito a Pompeius Trogus e a Justino; e em seus *Sete livros de história contra os pagãos* Orósio organiza-se em torno da seqüência dos 4 impérios - livro I para a Assíria, II-III para Macedônia, IV para Cartago, V-VI para Roma e VII para Cristo, com quem aos poucos se instalaria o quinto império. Em

¹⁸ Idem, pp.11-13.

nenhum lugar Orósio associa essa filosofia a Daniel, nem sequer menciona seu sonho ou a visão. Orósio também omite os medos por completo, de modo a tornar Roma o quarto império. A Assíria foi a verdadeira antecessora de Roma, com as outras duas potências agindo como guardiãs durante a sua menoridade (2.1.6. e 7.2.4). Desse modo Babilônia e Roma passavam a ter nova identificação, como no Ap - e esta vinha de fontes pagãs e não de Daniel. Com isso, por toda a Idade Média a importância de Trogus pode ser considerada maior do que a de Tucídides¹⁹.

A tese de Mendels é a de que o *topos* dos impérios mundiais do Oriente deriva de Ctésias e sucessores e não diretamente de fontes orientais; nestas últimas a variação seqüencial é grande, enquanto nas versões gregas é mais homogênea. (cf. p.ex. Dn, TestNaf, a “Profecia dinástica” babilônica, OrSib 3, e talvez Tobias 14:4). Mendels ainda afirma que ainda não está claro se Dn 7 refere-se a reis ou reinos. Se for uma revisão de Dn 2 (reis = reinos) então a influência do *Bahman Yašt* torna-se mais plausível. Os metais representam reis no *Bahman Yašt*. Em OrSib 3 encontramos uma seqüência do ponto de vista oriental (Egito, Pérsia, Média, Etiópia, Assíria e Babilônia, Macedônia, Egito e Roma). Em Tobias 14 a menção aos impérios mundiais não é explícita. TestNaf levanta dois problemas graves - a lista de impérios e a datação do texto.

Há uma fonte oriental importante que apresenta o mito sob a forma de 4 + 1, OrSib 4. O texto mostra a seqüência comumente encontrada após Dionísio de Halicarnasso (Assíria, Pérsia, Média, Macedônia e Roma). A propaganda é usada aqui contra Roma, que será destruída como os outros foram também. O autor discorda de Flusser ao não ver conexão com os 4 + 1 de Dn, e não vê razão para se imaginar esse *topos* como sendo de aproximadamente 80 a.C.; mais provavelmente é do séc.I d.C. e foi inserido no esquema presumivelmente anterior do OrSib 4 (10 gerações). Além da objeção de que os reinos de Dn 2 sejam talvez “reinados” e não “impérios mundiais” (**basil eia**i, LXX), o primeiro império de Dn tem, para encaixar-se no contexto, de ser a Babilônia; deve-se levar em conta que o autor judeu de OrSib 4 não teria porque adotar a versão greco-romana do *topos* com a Assíria no começo. Em OrSib não há menção aos metais = impérios, nem na literatura greco-romana, com exceções relativas - Hesíodo e Platão falam dos metais ligados a gerações, mas não a impérios mundiais. Com sua ênfase no Estado acima do indivíduo e sua preocupação historicista com as

¹⁹ Swain, op.cit. pp.19-21.

origens, Platão não fez mais do que explicar a queda do primeiro e perfeito Estado por causas raciais. O mito dos metais de Hesíodo é explicitamente mencionado por Platão em conexão com a preocupação das raças em Hesíodo - é função dos guardiães zelar para que os seus metais nobres não se misturem com os metais grosseiros dos trabalhadores. Essa mistura trará forçosamente a dissolução interna da classe dirigente e com ela, a decadência de todo o Estado. A forma para evitá-la reside no “número platônico”, que permitirá a eugenia perfeita²⁰.

Assim, de todas as combinações possíveis analisadas até aqui nenhuma supera, em importância e em originalidade, a de Daniel. Ao reunir os três temas - idades, metais e monarquias -, o autor de Dn deu origem a um novo e influente complexo mítico, cujas derivações encontram-se com facilidade após o séc.II a.C.²¹. O tema da árvore cósmica manifesta-se por sua vez em Dn 4 e, mesmo, na estátua do capítulo 2 - que pode muito bem ter sido a de um homem de braços abertos, tal como descrito por Bardesanes. Nesse caso, a vinculação com a cosmogonia indiana seria, aos nossos olhos, inequívoca (embora pareça um tanto óbvio que o autor de Dn não devesse ter se informado sobre ela em primeira mão - mas tratando-se de um mito com a abrangência que esse possui, a dependência direta e o conhecimento em primeira mão não se fazem necessários)²².

²⁰ Karl Popper. *The Open Society and Its Enemies*. London: Routledge, 2002. Pp.86-87; 89-90.

²¹ Na literatura patrística, como vimos, muitas vezes os autores obedecem à seqüência original das monarquias tal como encontrada nas fontes gregas e não à Dn. Mas esse é um tema por demais específico para ser abordado nesta introdução.

²² Apenas a título de curiosidade, é possível que a releitura do mito de Dn 2 no capítulo 7 - o das bestas que saem do mar - tenha uma outra filiação indiana, se a “quarta besta” for efetivamente um rinoceronte indiano (animal desconhecido do autor de Dn e, por isso mesmo, descrito da forma mais desajeitada possível). “A seguir, ao contemplar essas visões noturnas, eu vi um quarto animal, terrível, espantoso, e extremamente forte: com enormes dentes de ferro, comia, triturava e calcava aos pés o que restava. Muito diferente dos animais que o haviam precedido, tinha este dez chifres” (Dn 7:7). O animal em questão não tinha mesmo nada em comum com os anteriores; a interpretação corrente entre os estudiosos é que os animais referem-se ao mesmo tema de Dn 2, ou seja, à sucessão dos impérios mundiais. Consensualmente são interpretados como Babilônia, Média, Pérsia e o império de Alexandre juntamente com os reinos helenísticos. Os chifres são mais difíceis de identificar, mas parecem tratar dos Diádocos e, nos versículos que se seguem, de Antíoco Epífanes, rei selúcida cuja notória inabilidade política acabou precipitando a Revolta dos Macabeus (167 a.C.). A possível influência do *Romance de Alexandre* do Pseudo-Calístenes sobre o autor de Daniel - através de uma passagem semelhante na *Vida de Apolônio de Tyana* de Filostrato - implica na identificação da “quarta besta” com um rinoceronte. “Então apareceu uma besta muito diferente, maior do que um elefante, armada na testa com três chifres, [um animal] que os indianos costumavam chamar *odontotyranos*, (cuja cor é escura, semelhante à de um cavalo). Depois de ter bebido água, olhou para o nosso acampamento e atacou-nos de surpresa, e não recuou nem diante de grandes labaredas de fogo” (cf. Wilhelm Kroll. *Historia Alexandri Magni*. Berlim: Weidmann, 1926; a versão armênia foi editada por Albert M. Wolohjan. *The Romance of Alexander the Great by Pseudo-Callisthenes*. Nova York: Columbia University Press, 1969. Outras versões da passagem encontram-se na edição do Josippon pelo próprio Flusser (Jerusalém: Bialik, 1980) e na edição de Adolf Ausfeld. *Der griechische Alexanderroman*. Leipzig: /s.ed./, 1907. Cit. por David Flusser. “The fourth empire - an Indian rhinoceros?” in: *Judaism and the Origins of Christianity*. Jerusalem: Magnes Press, 1988. P.348.

A árvore cósmica pode também estar presente na versão altamente estilizada do tema das monarquias mundiais de 2Br 35-40, o “apocalipse da floresta, da vinha, da fonte e do cedro”:

[...] dormi naquele lugar e tive uma visão noturna. E vede, havia uma floresta com árvores plantadas na planície, cercada por altas montanhas e pedras ásperas. E a floresta ocupava muito espaço. E vede, contra ela cresceu um vinhedo, e debaixo dele corria pacificamente uma fonte. E essa fonte chegou até a floresta e transformou-se em ondas imensas, que submergiram a floresta e a arrasaram, bem como às montanhas próximas [...] E essa fonte tornou-se tão forte que não deixou nada da floresta além de um cedro. Quando também ele foi destruído, [a fonte] destruiu a floresta inteira e a desenraizou de modo que dela não sobrou nada, e o lugar deixou até se ser conhecido. [...] E vede, a vinha abriu a boca e falou ao cedro, dizendo: 'Você não é o cedro que sobrou da floresta da iniquidade? Por sua causa a perversidade permaneceu por todos esses anos, mas não a bondade. E tiveste poder sobre o que não te pertencia, e mesmo sobre o que te pertenceu não mostraste compaixão. Estendeste teu poder sobre aqueles que viviam longe de ti [...] Por isso, ó cedro, siga a floresta que partiu antes de ti e virou cinza, e que a sua terra se misture. Agora, durma um sono perturbado e descanse na dor até o final de teus tempos, quando serás atormentado ainda mais'. E depois dessas coisas vi que o cedro queimava e a vinha crescia, enquanto ela e tudo ao seu redor se transformava num vale de flores que não feneciam. E então despertei [Baruch ora e pede a Deus uma interpretação para a visão] 'Baruch, esta é a explicação para a visão que tiveste. [...] Vede, chegarão os dias em que o reino que destruiu Sião será submetido a outro que o sucederá. Este também será por sua vez destruído. E outro, um terceiro, surgirá [...] e será destruído. Depois desse um quarto reino surgirá cujo poder será mais cruel e duro do que os anteriores, e ele reinará por muito tempo, tanto quanto são numerosas as árvores da planície, [...] e ele se exaltará mais do que os cedros do Líbano [...]

Como conclusão geral, deve-se ter em mente que o uso do mito das idades, das monarquias e dos metais, em qualquer de suas combinações possíveis, prestou-se a diversos usos, por vezes francamente bizarros quando se recorda que em geral o tema serviu de apoio à resistência cultural contra o helenismo e, depois, contra Roma: mas Virgílio o utiliza como elemento importante em sua apologética na *Quarta Écloga* 1-17, e Josefo serve-se do tema para justificar sua defecção para o lado romano na *Guerra dos judeus* 3.352-354. A essa passagem somam-se as considerações cínicas de Josefo acerca da natureza da última monarquia nas *Antigüidades judaicas* 10.272-291, em que ele evita pronunciar-se sobre o assunto precisamente por saber que a opinião corrente em seu tempo era semelhante àquela expressa em 4Ezra (o que o deixaria em situação incômoda com seus patrocinadores romanos).

Em suma, o complexo mítico formado pelo conjunto dos mitos das idades, dos metais e das monarquias é, em minha opinião, o elemento mais importante, individualmente, como estruturador do pensamento metahistórico. Sua origem é explicitamente religiosa no caso dos dois primeiros, e teocrática no das monarquias²³; e é aparentemente em sua transmissão da Índia ao Ocidente via Irã que o mito se historiciza, inicialmente envolvendo impérios míticos somados a monarquias históricas, depois sendo plenamente historicizado naquilo que pode ter sido o primeiro momento de secularização do pensamento metahistórico, um processo que não teria mais fim. Os problemas de datação ligados à tese da derivação Índia - Irã - Ocidente são inúmeros e foram apenas brevemente expostos neste artigo, mas a tese ortodoxa afirma ter sido esse o percurso de transmissão e os argumentos contrários me parecem mais fracos. Em todo caso, mesmo uma improvável transmissão Hesíodo - Índia não inviabilizaria a tese deste artigo, qual seja a da origem e essência religiosas de todo o pensamento metahistórico, cuja secularização é apenas aparente.

²³ Ephraim A. Speiser. "Ancient Mesopotamia" in: Robert Dentan (ed.) *The Idea of History in the Ancient Near East*. New Haven: Yale University Press, 1955. Pp.54-64.